

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES



**Amália Rodrigues
no Brasil**

(VER NAS PÁGS. 20 E 21 A SENSACIONAL
REPORTAGEM "NOTÍCIAS DA AMÁLIA")
FOTO ÁVILA, DO RIO DE JANEIRO

ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 / 6 DE DEZEBRMO DE 1945 N.º 238

**VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA**

DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL,
EDITORA, LIMITADA"



É certo que nem sempre se pode avaliar uma pessoa pelos olhos. Mas este olhar de Belsão, o lairo assassino de Belsão, não engana muito!

**BRINDES
AOS
CLIENTES**

HOUVE um tempo em Lisboa em que, nas compras superiores a vinte escudos, se levava um balaço para entreter o menino. Foi assim durante a semana dos saldos nos inenquadráveis Armazéns do Chiado ou Grandela. Era, até certo ponto, uma forma de se impor a mercadoria à força do reclame — e de levar o bom nome da casa a todo o lado, impresso na tripa de porco. Vinte escudos, uma nota intertrinha, dava certa categoria a quem a exibia. Basta dizer-se que se comprava um quilão de bacalhau por três e oitocentos, alto, puro cem por cento, dois de batatas, azeite a escolher (extra-puro, finíssimo), enfim, jantava a família inteira e a tarde, de passeio, beber cápitê a Santo Antão, copo largo, uma rodela de limão, tudo por três tostões, incluindo a gorjeta. Não admira, pois, que nas compras superiores a 20800 se desse um balaço de prémio para alegrar a pequenada.

— Acontecia até, se a despesa fosse elevada, vir a família inteira com os baloizinhos a evocar nas janelas dos eléctricos — e, de pois, ao atravessar o bairro, imponentes, juntava-se gente embaacada.

Tudo evolue na vida. O progresso caminha sempre... para retroceder no bem-estar do homem.

Parece que o mundo perdeu a noção do seu governo — e desatou a fazer cabriolas num potente «junkers».

Com a desculpa da guerra — as mares deturam de gerar os peixes e as bananeiras, amarelas e revoltadas, puseram-se em greve de braços caídos.

Com o roncã dos aviões os pastos desparreram — e as vacas morrerem, tísticas, sem leite.

Daqui vem logo uma calamidade: o leite — o H^o tão precioso — ninguém o encontra, e só por requerimento a S. Ex.^o o «mercado negro» — e, por consequência, toda a industrialização em que éle é pródigo falta — nem queijos, nem manteiga. A vida começou a subir — e há já nessa subida mais heroísmo do que o prof. Piccard na estratosfera. Sob o preço das batatas dir-se-ia trocar do povo com o cifrão todo inchado no meio de furtafals algarismos.

A mostra dum mercaria é mais disfarçada que os curives da rua da Prata. Por consequência, numa época destas, não é preciso tentar o público com balões.

Bastaria que os alfaltes pusessem leitres.

— Fato: feito e forros, 1.500800. Sendo com fazenda, 2.500800. A casa dá duzentas gramas

(Continua na pág. 14)

PRIMEIRA COLUNA

EÇA

POR ANIBAL NAZARÉ

ESTAMOS em plenas comemorações centenárias da Eça de Queiroz, romancista português de projecção mundial, nome grande das letras portuguesas de todos os tempos. O Estado tomou a seu cargo a maior parte dos actos comemoratórios, e, assim, teremos a orientá-los o Secretariado Nacional de Informação, de que é sub-director um dos filhos do escritor: António Eça de Queiroz.

Exposição Queiroziana no Grémio Literário, conferências culturais pelos srs. prof. Dr. Costa Pimpão e Francisco Costa, e D. Maria Eça de Queiroz e Castro, filha do romancista.

É, a 30 do corrente, uma grande sessão em que ouviremos, em nome do Brasil, o ilustre académico Dr. Ribeiro Couto; D. Eugénio Montes, por Espanha; Pierre Hourcade, em nome da França; e António Ferro, pelo S. N. I.

Em Janeiro, o Círculo Eça de Queiroz promoverá nova série de conferências, e na Quinta de Tormes, em Bañón, será inaugurada uma lápida.

Farece, assim, não se ter esquecido o mínimo detalhe ou pormenor nas comemorações queirozianas, que, por muitas que sejam, todas e mais merece o elevado espírito que as inspira.

Mas, já que queremos todos nós, portugueses, prestar a melhor homenagem ao grande romancista, não esqueçamos um detalhe que, certamente, não seria dos menos gratos ao seu espírito: — construir escolas, muitas escolas, acabar com o analfabetismo em Portugal, para que todos os portugueses possam ler Eça de Queiroz e orgulhar-se da sua obra!

**CRIANÇAS
DE
HOJE**



Estas crianças, Maria Manuel e António Manuel Faria Costa Cavados, da Curia, pareceram outras interrogativamente quando coisa... Talvez o futuro



O novo ministro da Bélgica em Lisboa, sr. André Motte, à saída do Palácio de Belém, onde foi, há dias, apresentar credenciais ao sr. Presidente da República.



Também o novo ministro da Holanda, sr. Yonkleer Van Buthingha Wickus, entregou as suas credenciais ao Chefe de Estado.



O sr. coronel do Estado-Maior Robert Adolphus Selbara, adido militar à legação dos Estados Unidos da América em Lisboa, deixa a sua missão em Portugal, por ter sido colocado na legação do seu país em Bruxelas. Por esse motivo o sr. ministro da Guerra ofereceu-lhe um almoço na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, antes do qual se realizaram alguns provas hípicas e uma demorada visita às dependências da Escola.



A missão brasileira à Conferência Internacional do Trabalho, que passou por Lisboa e a qual foi oferecido um banquete pelo sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações, que se vê no foto, bem como o sr. Dr. Ribeiro Couto, Ilustre Encarregado de Negócios do Brasil em Lisboa.



Ana Maria Camпой, no filme «É perigoso debruçar-se»

DOIS MINUTOS DE CONVERSA COM

DE BARCELONA

ANA MARIA CAMPOY A ARTISTA ESPANHOLA QUE CHEGOU HÁ DIAS A LISBOA

TEATRO Calderón de Barcelona. Representa-se «Bainha despues de Moris», a célebre peça em verso dos amores de Pedro e Inés. Pelo palco passam as figuras tão portuguesas do rei Afonso, do príncipe, do Condestável, de nobres, e entre armas e braços respira-se a evocação poética de Colmbra.

No intervalo fômos até ao camarim de Ana Maria Camпой, a estréia de 15 filmes espanhóis, e que muito brevemente falará português num filme para Portugal.

Ana Maria diz-nos logo, alegremente: — Sabes... vou a Portugal.

— Que? — Sim... tinha de ser... Todos dizem que é tão bonito... e depois os portugueses, tão delicados, tão simpáticos...

— Sim? Por exemplo... — Olha, o Artur Duarte, o Barreto Poeta, o Erico Braga, etc, etc. — E as schicas? — A Milú... É muito simpática a

— Diz-nos, então, o que vais fazer a Lisboa?

— Cine e teatro!

— O quê? Teatro também?

— Sim, levarei esta mesma peça. Sinto que esta «Inés de Castro» é a minha maior representação. Farei também uns recitais... Vocês gostam muito de poesia, verdade?

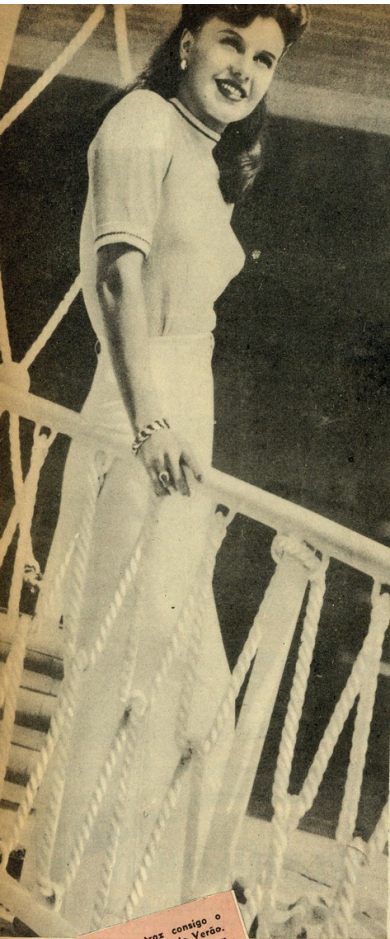
— Diz-nos algo de cine, Ana Maria?

— Ainda não sei o título do filme que vou fazer em Lisboa. Nêle trabalharei com todo o meu entusiasmo. Acredito num cinema de colaboração ibérica, que lute com esta nossa terrível platéia que em Espanha prefere filmes estrangeiros, realizando nós pelúcias simples e com problemas da actualidade!

— E que problemas?

Já não houve tempo para a resposta. Passaram bem depressa os 15 minutos e a campainha começou assustadoramente a chamar: — Salmos precipitadamente, trazendo, a custo, estas três fotografias de Ana

(Continua na pág. 14)



Am compasso lento

E m boa verdade, não se compreende. Por mais difíceis que resultem as filmagens, por maiores que sejam as surpresas e os imprevistos, não pode deixar de causar surpresa o tempo de incubação dos nossos filmes, que se arrastam nos estúdios, laboratórios e salas de montagem, por períodos que vão muito além do que é razoável e admiraável. Há películas, por estrear, que entraram no estúdio há cerca de dois anos. E os nove meses que medeavam entre a primeira volta de manivela e a estreia, e que durante muito tempo foram o período normal de gestação dos nossos cineastas — embora nem sempre dela resultassem obras humanas... — foi largamente excedido, se tirarmos a média das últimas películas realizadas.

Tempo é dinheiro. E, no cinema, muito dinheiro! Esta máxima comanda a indústria de filmes em toda a parte. E só, entre nós, com aquela reticência proverbial de copiar os bons exemplos lá de fora — embora estejamos sempre prontos à admiração servil do que vem do estrangeiro — só entre nós, dizíamos, se faz ídola raza de tão primordial imperativo da indústria. Por melhor que seja a administração dum filme — será sempre ruinosa, se não se observar a regra do máximo de trabalho no mínimo de tempo. Embora possa considerár-se comum a todas as indústrias — no cinema, pela orgânica respectiva, tal necessidade avulta entre as demais.

Quais as razões de semelhante lentidão? Como se explica que se produza entre nós, com uma velocidade que é a negação da própria indústria? Em primeiro lugar, os filmes vão para o estúdio sem a preparação necessária. Tal facto retardaria o desenvolvimento normal dos trabalhos de filmagem, agravados ainda sempre por deficiências técnicas do guião, pela inesperienza das equipas, pelos stencions improvisados à última hora. É claro que a falta de uma produção continua, ordenada e organizada — explica, por si só, estas lacunas. Mas a verdade é que não se cura nas produções esporádicas, de rodar os trabalhos das garantias todas pensáveis — e perde-se um tempo infinito com pormenores em que ninguém atenta, para passar alegremente e com optimismo sobre aspectos fundamentais da realização dum filme.

Não há dúvida de que estamos andando para trás, no que se refere à velocidade de realização. Já se produziu, entre nós, em prazos normais, e — vamos lá! — os filmes que assim se fizeram, não saíram dos piores. Também sabemos que há filmes fáceis e difíceis e que uns demandam mais tempo do que outros, por motivos que estão na própria razão de ser dessas produções. Mas temos de coisir que, a despeito das dificuldades impostas pela guerra, as películas nacionais vêm sendo realizadas com uma calma que seria muito loudivel, se o estúdio fosse casa de repouso para fadigas de milionários!

É claro que o público quer, actua de tudo, um bom filme sem cuidar de saber quantos meses levou a realizar. Mas a indústria não se compadecer com as delongas inúteis, porque o tempo é dinheiro, e, no cinema, muito dinheiro. Isto, é claro, não se entende com aquélas que produzem filmes sem atender ao aspecto comercial, e que se limitam a fazer Arte por amor à Arte. Simplemente, temos de considerá-las como as excepções, que confirmam a regra.

FERNANDO FRAGOSO

Uma imagem que traz consigo o pizizmo dos últimos dias de Verão. Giuseppe Rogers no seu lote «Malibus» prepara-se para um cruzeiro de repouso, longe da atmosfera esgotante dos estúdios — entregue à alegria do mar e à contemplação do céu azul.

Dizem que o amor é feito de arrebatamento e de paixão. E, no entanto, esta imagem de amor é um modelo de suavidade. Sob a carícia de Dennis Morgan, Ann Sheridan parece sonhar... Imagem repousante e feliz, em que os anseios satisfeitos e adormecidos convidam à lassidão e ao abandono.



SEIS RAPARIGAS ENGRAÇADAS PRECISAM-SE

As leitoras que se nos estão dirigindo, preguntando se ainda podem inscrever-se neste concurso, organizado por «Vide Mundial Ilustrado» e «Atlente Filmas», para o escolho de artistas para o novo filme «Matinês às 4», comunicamos que a inscrição terminou há muito. Apenas estamos a efectuar a selecção fotografica dos concorrentes da provincia que hão-de comparecer perante o júri, em competição com as de Lisboa, o que se realizará dentro de dias.

As filmagens de «Matinês às 4» iniciam-se, ainda este mês, nos estúdios do Lumiar, da Companhia Portuguesa de Filmes.

NOVOS projectos, no quadro da cinema portuguesa! Eis, com efeito, alguns dos títulos de produções, cuja realização se anuncia para breve: «O Capitão Tempestade», «Volfâmio», «Cais do Sodré», «A Vara Larga», «Três dias sem Deus», etc. De alguns destes filmes pouco mais sabemos, além dos títulos. Outros, temos notícias de que vêm sendo criteriosamente estudados e que tudo se conjuga para que resultem, sob o duplo aspecto, artístico e espectacular.

Tamanha actividade — é de bom augúrio. E, sobretudo, se atendermos a que os tempos não vão propícios a tais cometimentos, pois o filme virgem continua a faltar e a despeito de todas as promessas e boas-vontades, não foi possível ainda abastecer o mercado, com a desejada regularidade.

Não faltam iniciativas pelos vistos. Fritemos apenas a necessidade de as rodear dos cuidados indispensáveis, para que possam fructificar, a bem dos interesses superiores da cinematografia nacional.

Dentro de breves dias, chegará a Lisboa a primeira cópia de «O Diabo são Elos», filme luso-espanhol, dirigido por Ladislav Vajda. Como se sabe, Barreto Poira, Ana Maria Campoy, Rosário e Milita Meireles, Humberto Madeira e Regina Montenegro figuram no elenco. A demora havida nos trabalhos ulteriores dos filmagens filia-se nas restrições de energia eléctrica que tem pesado sobre os estúdios, laboratórios do país vizinho, e bem assim na carência de matérias-primas, originadas pela guerra. A foto mostra-nos uma cena do filme, figurando à esquerda, sentado, em primeiro plano, o artista português Humberto Madeira.

AS VEDETAS

E OS SEUS "DUPLOS"

A QUELES que viram «Fábrica de Ilusões» (Stand in), um dos últimos filmes interpretados pelo malogrado Leslie Howard, em Hollywood, conhecem a existência dos «dúplos» e sabem avaliar o seu drama.

O que são os «dúplos»? Como o nome indica, são por assim dizer, a «duplicação» das vedetas famosas, tão distantes delas na nitidez das contornos e na precisão dos traços, como um original e a sua cópia, tirada o papel químico. Prêstitos elementos, a sua função reside, acima de tudo, em poupar trabalho e conselhos às

vedetas que servem. Assim, durante o período de afoinação de luzes e de enquadramentos, elles occupam no «plateau» o lugar da vedeta que, para esse efeito, substituem. Reduzem-lhe, deste modo, os esforços exigidos pelos trabalhos preliminares das filmagens, e permitem-lhes começar a acção sem o tédio das horas perdidas em benefício do «cameraman». A «dúpla» ou o «dúplo» são tanto melhores, quanto mais se parecerem com os intérpretes, que lhes cabe substituir. Alguns são autênticos «sússios». E nos cenas em que as vedetas aparecem de costas ou nas tomadas de vista a grande distância tomam, perante a câmara de filmar, o lugar da vedeta, com vantagem para ela e para o rendimento do trabalho no estúdio, uma vez que o espectador mais perspicaz é incapaz de distinguir qual é a «dúpla» e qual a vedeta.

A gravura que ilustra esta referência, mostra-nos Ann Rutherford e a sua «dúpla». O leitor verá que são iguais na estatura e no desenho das linhas plásticas.

A tragédia dos «dúplos», o seu drama íntimo reside no seguinte: serão tanto mais perfeitos quanto mais se assemelhem às vedetas célebres e quanto mais se apogarem perante o mundo. Como os «modelos» dos grandes costureiros, que passeiam nas corridas de cavalos, lindos vestidos e ricos casacos de pele, para efeitos de reclame — os «dúplos» vivem uma vida fictícia, à sombra da riqueza e do prestígio das vedetas que servem, pelo alto preço do seu anonimato...



À esquerda, Ginger Marahan, a «sombra» branca de Ann Rutherford, que vemos à direita.

Deanna Durbin! Já é viram mais graciosa do que nesta foto, onde ela nos aparece com um «short» de veludo negro e uma blusa de fantasia, em tecido de romagens?! Deanna, que interpretou, há pouco, a sua primeira história dramática, alcançou, recentemente, dois êxitos fulgurantes, em «I can't help Lingsing», o seu primeiro filme colorido; e «Lady on the train», uma comédia de ambiente policial.



HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL



POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXIX

A superioridade dos aliados afirma-se

COM os êxitos alcançados na luta anti-submarina, os progressos assinalados pela acção da aviação anglo-americana no longo do ano de 1943 constituíram a prova mais evidente da superioridade crescente do potencial de guerra das Nações Unidas em relação aos seus adversários. Depois do termo das hostilidades, todos os chefes militares alemães feitos prisioneiros afirmaram, unanimemente, que a ofensiva aérea aliada, conduzida sem desfalcimentos desde o dia histórico

em que o marechal do Ar, Harris, realizou o primeiro êxito monstro a Colónia, contribuiu decisivamente para apressar o termo do conflito. Esta afirmação encontra-se documentada, com uma eloquência dramática, na acumulação de ruínas a que ficaram reduzidas as mais belas e florescentes cidades do Reich, desde a sua orgulhosa capital até ao seu aglomerado urbano de menor significação demográfica ou política.

Sobre os ensinamentos colhidos durante a realização dos raids gigantescos levados a cabo pelo marechal do Ar, Harris, contra Colónia e a região industrial do Ruhr, em Maio e Junho de 1942, os chefes da aviação anglo-americana elaboraram um plano de destruição sistemática de todos os centros de produção industrial que alimentavam a máquina de guerra alemã. Esse plano, conhecido pela designação de plano Harris-Arnold, do nome dos dois chefes que o elaboraram, começou a ser pôsto em prática no final de 1942, embora a sua execução fosse prejudicada por dois factores de incontestável importância: as condições do tempo e a adaptação da indústria americana à satisfação das exigências da guerra.

A primeira destas condições não estava na vontade dos homens re-movíveis, ou evitar os seus inconvenientes. Quanto à segunda, é incontestável que a adaptação a que nos referimos se realizou num tempo record, o que não impediu que, durante alguns meses, fosse necessário contar, quasi exclusivamente, com a actividade da R. A. F. para a realização efectiva dos planos de guerra aérea encaraada pelos dirigentes militares e politicos das Nações Unidas, cujas frequentes renúncias nessa época procuravam exactamente realizar uma guerra de coligação efectiva e não uma guerra dispersa, como até aí fóra feita.

A CONCENTRAÇÃO NAS ILHAS BRITÂNICAS DOS 8.º E 9.º EXERCITOS AEREOS NOROCCIDENTAIS

Um outro problema da maior delicadeza a resolver era o da instalação nas ilhas britânicas das poderosíssimas forças aéreas dos Estados Unidos que deviam actuar sobre o território do Reich, dos seus satélites e dos países alemães partindo daquilo que começou a ser geralmente designado como plataforma da Invias. Essas forças constituíam os 8.º e 9.º exercitos aereos norte-americanos, e a partir de certo momento, foi oficialmente anunciado que os seus efectivos em homens e aviões excediam os da R. F. que, entretanto, não deixava de se valorizar. A valorização da aviação militar britânica conseguiu-se graças a um esforço constante e tenaz do proletariado britânico, desde os operários especializados até às mulheres empregadas na indústria de construções aeronáuticas, e ao esforço de adestramento realizado nas escolas militares instaladas na Grã-Bretanha e no Canadá, de accordo com o governo do Reino Unido, logo que o governo de união nacional, presidido por Winston Churchill, se instalou no poder em 10 de Maio de 1940.

O Outono e o Inverno de 1942 foram assinalados por um enfraquecimento transitório da actividade aérea dos anglo-americanos sobre o território do continente, o qual contribuiu para auxiliar o esforço de guerra alemão. Além das razões já indicadas para explicar esse fenómeno, uma outra havia a considerar. Era a extraordinária perda a que era obrigada a aviação anglo-americana que tinha de fazer sentir a sua presença nos mais distantes campos de batalha, desde os confins do Pacifico até aos limites occidentais do Atlantico. A intervenção dos japoneses no conflito favorecera bastante o Reich nos domínios da guerra aérea pois tanto os ingleses como os americanos eram obrigados a enviar um número apreciável das suas esquadilhas para o Extremo Oriente onde a necessidade da sua acção se fizera sentir o primeiro trimestre de 1942, período correspondente às vitórias espectacularmente alcançadas pelo Império nipónico.

A SITUAÇÃO DO REICH EM MATÉRIA DE ARMAMENTOS AEREOS AGRAVAVA-SE ENQUANTO A DOS SEUS ADVERSARIOS MELHORAVA

Mas a situação do Reich, em matéria de material aeronáutico e de pessoal adestrado para o utilizar convenientemente, nem por isso deixava de agravar incessantemente, enquanto, no conjunto, a situação dos seus adversários, a esse respeito, melhorava de maneira visível. Para isso concorriam diversos factores que procuraremos enumerar, embora resumidamente.

A capacidade de produção da indústria de guerra do Reich tinha um

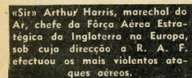
limite natural, imposto pelo volume da mão de obra que podia utilizar e pela superficie de matérias-primas de que podia dispor. A mão de obra e a sua utilização racional dependiam por sua vez, numerosas circunstâncias que nem sempre os dirigentes nazis estavam em condições de avaliar correctamente. Em energias feitas para recrutar nos países ocupados operários, sobretudo nos países neutros, a existência de indústrias de guerra do Reich, bem como os outros métodos postos em prática pelas autoridades alemãs para fazerem face às dificuldades que começavam a fazer-se sentir, de maneira cada vez mais premente. Estas medidas não tinham conduzido aos resultados que delas se esperavam.

OS CHEFES NAZIS, A PARTIR DE 1942, DERRAM PRIORITYADE A CONSTRUÇÃO DE SUBMARINOS E AVIOES DE CACA

Finalmente, no número dos factores que tornavam cada vez mais precária a situação do Reich no domínio das construções aeronáuticas, havia que considerar os prejuizos e estragos incalculáveis, já provocados por bombardeamentos anteriores dos Aliados, e as exigências criadas pelo terminada fase da guerra, mais vantajosamente em aplicar os recursos existentes na construção doutras armas aconselhadas pelas circunstâncias. Assim, a partir do Verão de 1942, a construção de aviões de bombardeamento foi quasi completamente posta de parte e para conservar os recursos existentes à construção de aparelhos de caca, cuja falta começava a fazer-se sentir de maneira alarmante, tanto no occidente como na frente leste. A partir de 1943 foi dada priorityade absoluta à construção de submarinos, sobretudo depois da nomeação do almirante Doenitz para comandante-chefe da esquadra do Reich, por ser opinião predominante entre os dirigentes nazis que a applicação indiscriminada dessa arma poderia dar-lhes a vitória numa guerra que já tinham perdido.

Quanto aos estragos e prejuizos provocados por bombardeamentos anteriores, as suas repercussões eram

(Continua no pag. 144)



«Sir Arthur Harris, marechal do Ar, chefe da Força Aérea Estratégica do Inglaterra na Europa, sob cujo direcção a R. A. F. efectuou os mais violentos ataques aéreos.»

FOURRURES (MAITRES-COUCPEURS) ELAS (EXPERT-CUTTERS)

PRIMOROSAS CONFECÇÕES EXECUTADAS POR PESSOAL TECNICO ESTRANGEIRO, SOB MODELOS IMPORTADOS EXPRESSAMENTE DE NEW-YORK

TRABALHOS ESPECIAIS EM:

WISONS, CASTORES - CANADÁ,

ASTRAKANS - PERSAS

E TODAS AS PELES FINAS

OS MODELOS EXCLUSIVOS E NÃO SE EXBEM EM PASSAGENS

R. RODRIGUES SAMPAIO, 60 - TEL. 4.0961

Manoel



O «trianvirato» do Partido Comunista francês: Marcel Cachin, director de «l'Humanité», Maurice Thorez, novo ministro do Estado, e Jacques Duclos, secretário do partido.

Ponto morto em que a França tinha caído após a primeira crise política da IV República resolveu-se da melhor maneira, pois a sua resolução manifestou-se a mesma tendência inicial para a formação de um governo nacional sob a chefia do general De Gaulle.

O primeiro grande e decisivo passo para a solução da crise foi dado pela Assembleia. Depois de escutar as opiniões dos chefes dos principais partidos, o novo corpo legislativo francês saltou por cima da brecha cavada entre De Gaulle e o Partido Comunista e, por forte maioria, confirmou a aprovação da política que unanimemente tinha apadrinhado uma semana antes.

Desta maneira vencendo as cizañas partidárias que, na primeira fase da crise, ameaçara paralisá-la, a Assembleia reflectiu fielmente o seu sentimento nacional. Os correspondentes dos jornais londrinos fizeram-se, na devida altura, eco do desgosto com que o opinião pública francesa de toda a França entrevia a perspectiva duma revivência dos antagonismos que, de 1894 em diante, minaram a vitalidade da III República, e da subsequente ameaça tanto duma inevitável quebra de prestígio das instituições parlamentares francesas como do eclipse da influência francesa nos assuntos internacionais num momento em que a nova Europa estava em plena reconstrução.

A característica mais saliente da plataforma governamental foi a aceitação de cargos ministeriais por parte dos chefes dos três maiores partidos,

os quais entraram para o governo pura e simplesmente como ministros de Estado.

Como não ficaram com funções de pasta, estes três membros do governo constituíram os pilares de contacto entre a Assembleia e a administração. Os nomes dos socialistas Vincent-Auriol e do comunista Thorez eram já familiares do tempo da III República.

O representante do Movimento Popular Republicano é Francisque Gay, que, tal como o partido a que pertence, ainda não ganhou as suas esporas de cavaleiro da política. Como presidente do partido e director do jornal do M. P. R., está muito bem indicado para representar o sangue novo da política francesa.

A segunda característica do novo governo é a alta compreensão do dever que todos os componentes manifestaram. Os três maiores partidos contribuíram com cinco ministros cada um. Mais quatro ministros foram retirados dos grupos da Direita, débil remanescente dos antigos partidos todos-poderosos da França. O resto foi completado por dois ministros que, como o general De Gaulle, não têm partido.

Porém, a nota mais saliente da nova administração foi a passagem do conservador Louis Jacquinot de ministro da Marinha para ministro de Estado.

Por último, o obstáculo criado pela recusa do general De Gaulle em nomear um comunista para qual-

A NOVA VITÓRIA DE DE GAULLE

quer das pastas por éle próprio consideradas nevrálgicas para a execução da política externa francesa foi hábil e engenhosamente circunvidado.

O general De Gaulle encarregou-o do ministério da Defesa. Sob as suas ordens, além dos chefes do Estado-Maior, ficaram dois ministros, um membro do M. P. R. responsável pelos homens das forças armadas, e o outro, o comunista Tillon, ministro do Ar do governo anterior, responsável pelos armamentos e equipamentos militares.

A formação deste governo exigiu muito boa vontade da parte de todos os interessados e revelou a existência duma vontade imediata e global de sacrificar tudo a favor dos interesses da França. Os alicerces do acordo foram abertos pela inteligente decisão de De Gaulle conferenciar conjuntamente com os representantes dos três maiores partidos antes de falar com éles um por um.

Nesta retinção, a insistência socialista de que o governo devia ser de representação nacional e o ponto de vista do M. P. R. de que De Gaulle era o único homem da França que podia dar a semelhante governo a necessária coesão, foram efectiva e eficazmente manidos.

Porém, a palavra decisiva dependia dos comunistas. Até aqui ostensivamente indiferentes às opiniões dos partidos rivais e prossequindo na tática exclusivista de aspirar ao poder, enfrentaram a crise como era preciso e, depois de terem votado contra De Gaulle na nomeação para Chefe do Estado, aceitaram os postos que lhe foram atribuídos na administração.

Na sua segunda carta para o presidente da Assembleia, o general declarou-se disposto a formar governo com a exclusão dos comunistas. Mas, com as transigências suc-

tadas pela crise, De Gaulle ofereceu-lhe os ministérios da reconstrução em que os comunistas estavam especialmente interessados, favoreceu uma solução de compromisso em redução ao ministério da Defesa e reconheceu especificamente a posição política do partido pela inclusão do seu chefe entre os ministros de Estado.

O que ainda falta saber é se o próprio general De Gaulle sempre conseguirá dar eficaz unidade a uma coligação composta de elementos tão diversos e mutuamente tão hostis.

O novo ministério contém no seu núcleo um grupo de homens de todos os partidos que trabalharam juntos durante cerca de um ano como membros do governo provisório.

Ainda mais importante é o facto de todos os ministros terem sido combatentes da Resistência e aceitarem o programa de reformas económicas e sociais sugerido pelo Conselho de Resistência Nacional.

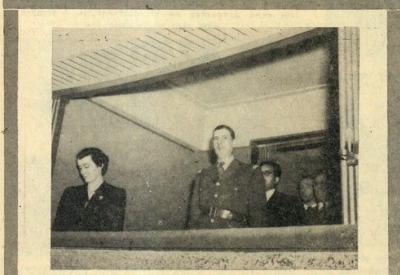
Em virtude desta comunidade de opiniões em política interna, a Assembleia pode dedicar-se sem preocupações de maior na sua principal missão de redigir a nova constituição.

Todavia, este acordo estabelecido entre os partidos não engloba os assuntos constitucionais, com os quais o governo nada tem.

É, no entanto, de esperar divergências de opinião em questões fundamentais como, por exemplo, a formação duma 2.ª Câmara e as relações entre o executivo e o legislativo.

Entretanto, a França tem um novo governo de características bastante esboçadas que lhe permitirá manter a política francesa num nível equilibrado enquanto durarem os debates que determinarão a estrutura definitiva da IV República.

(Continua na página 16)



O general De Gaulle no novo governo acumulou os cargos de Presidente do Governo, Director de Defesa Nacional e chefe de todos os exércitos.



Está aqui alinhada a «divisão blindada» da cozinha!

GRANDE HOTEL

O LEITOR NÃO QUERERÁ PASSAR UM «FIM DE SEMANA» NO **Waldorf-Astória** O MAIOR HOTEL DO MUNDO?

É na Parques-Avenue, de Nova-York, que se ergue o Waldorf-Astória, o maior hotel do mundo! Tem quarenta e sete larguíssimos pavimentos, onde existem os mais luxuosos «apartamentos» por onde têm passado as maiores celebridades do mundo inteiro quando acontece passarem por Nova-York.

Este ano, o esplendoroso Waldorf teve a sua apodéfica consagração. Serviu de cenário a uma das mais espantosas obras cinematográficas que nos tem sido dado admirar — «Fim de Semana no Waldorf» — produção da Metro, onde os hóspedes e o pessoal do hotel são desempenhados por um colossal grupo de artistas, à cabeça dos quais se destacam nomes como Ginger Rogers, Lana Turner, Walter Pidgeon e Van Johnson!

Pelas fotos, poderão os leitores que nunca foram a Nova-York avaliar da categoria do Astória. E, se quiserem lá ir passar um «fim de semana» não hesitem — marquem os seus aposentos.

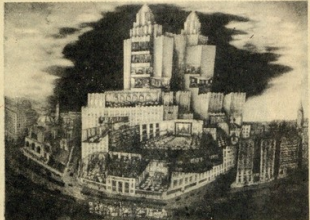
Não caiam, porém, na ansiosa de perguntar, antecipadamente, o preço... Se o ignorarem, sempre passarão com melhor disposição de espírito o seu fim de semana...



Por esta foto farão idéia da grandiosidade do Waldorf-Astória. E pelas indicações avaliarão, facilmente, a categoria dos hóspedes e a tabela de preços...



Um «chá dançante» no Waldorf-Astória é sempre «um caso muito sério»!



Aqui vemos um corte do Waldorf, o mais luxuoso hotel de todo o mundo, cujos elevadores se situam entre as linhas subterrâneas dos Caminhos de Ferro Centrais de Nova-York.

- 1) O cozinheiro automático de ovos.
- 2) No arranjo das mesas só requinte e bom gosto.
- 3) Salada «à Waldorf». Apetece-lhes, leitores?
- 4) Este é um dos 150 cozinheiros.
- 5) O «prorador de vinhos». Se ele achar mal, não se serve aos hóspedes...
- 6) Um frigorífico, dos muitos do hotel.
- 7) Destruindo garrafas vazias.
- 8) Serrando o queijo!
- 9) Sopa de «emassa»... para acabar o dia.

Os leitores de "Vida Mundial Ilustrada" vão ter também os seus presentes de Natal!

Não queremos esquecer-los nessa época consagrada à família, contruindo assim para que possam ter umas festas felizes!

"VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

VAI PUBLICAR UM NÚMERO EXTRAORDINÁRIO DO NATAL! UM NÚMERO QUE SERÁ UM «CLOU» DO JORNALISMO PORTUGUÊS!

Maior número de páginas * Melhor papel * Capa a mais cores * Colaboração especial de alguns dos melhores escritores portugueses * Reportagens sensacionais * Novelas escolhidas * Uma notável documentação fotográfica.

UM NÚMERO QUE VALE MUITO MAIS DO QUE O SEU CUSTO!

Mas além desse esforço editorial, proporcionará aos seus leitores a possibilidade de obter muitos e valiosos prémios. Prémios que interessam a todos, não só pelo seu valor real como pelo seu próprio valor utilitário.

De entre os principais, podemos anunciar desde já os seguintes:

1—Uma mobília de sala, com sofá e dois «maples», uma mesinha em estilo moderno e uma «scarpete». Prémio no valor de Escudos 8.000\$00. Foi adquirido, como já dissemos, na Casa Guimar, Limitada, Rua de Fradinho, 181—uma casa que tudo quanto há de mais distinto em Lisboa conhece perfeitamente. Desenhadores e decoradores especializados, os seus modelos marcam pela sua beleza de linhas, pelo modernismo das suas concepções artísticas e ao mesmo tempo pela perfeição do seu acabamento.

2—Uma máquina de costura «Husqvarna», formando um belo móvel. Utilidade e distinção. Esta máquina, cujo preço é de Esc. 5.000\$00, é de fabricação sueca, construída, portanto, com os melhores aços do mundo. Isto dá bem do alto nível da sua qualidade, o que representa para quem a utiliza a garantia absoluta do seu valor. Foi adquirida na Sociedade Luso-Sueca, Limitada, Rua Alexandre Herculano, 9.

3—Um belo aparelho de rádio «Luxor». Um dos melhores modelos para todas as correntes. O seu valor é de Esc. 4.000\$00. Comprámos para os nossos leitores na Casa José Costa, Rua de S. Paulo, 11. Esta casa é das melhores de Lisboa entre as especializadas na venda dos melhores modelos das mais acreditadas marcas. De aí a razão da nossa preferência—preferência que é uma segurança absoluta de qualidade.

4—Um magnífico fogão para lenha e carvão. Cromado fósco. Último modelo de 1945. Um prémio da maior utilidade. Indispensável em todas as casas. O seu valor é de Esc. 3.200\$00. Foi adquirido na casa Alberto da Silva e Irmão, Limitada, Rua do Arco do Bandeira, 129. Casa fundada em 1880, tem os seus créditos feitos. Conta mesmo com a melhor e mais exigente clientela de Lisboa, não só para os seus fogões como para as outras especialidades do seu comércio: instalações para aquecimento, cofres da sua fabricação, artigos de serenharia civil, etc.

Além destes prémios, muitos outros serão distribuídos entre os nossos leitores:

* Um relógio de pulso da marca suíça «Zodiac». Modelo impermível, anti-choque e anti-magnético. Representantes em Lisboa: Carlos Alves Ferreira, Ltd., Rua da Assunção, 88, 3.

* Outro relógio de pulso «Coissac», outra grande marca suíça. São seus representantes Serafim Pacheco Magalhães, Ltd., Rua Barros Queiroz, 39, 2.

* Um lindo candeeiro em louça, uma peça de arte da Fábrica de Sant'Ana, cujos produtos podem ser admirados nos salões da exposição dessa Fábrica, na Rua do Alecrim.

* Uma magnífica gabardine da casa Roda, L., Rua Augusta 86.

* Produtos de beleza das grandes marcas portuguesas e estrangeiras. Entre as nacionais figurarão especialmente as melhores criações de beleza das marcas «Clippier» e «Montegil».

* Meias «Moreys», de elevado preço e superior qualidade—uma marca que é a tentação das senhoras mais elegantes e mais exigentes.

Enfim, muitos outros valiosos prémios que irão sendo sucessivamente anunciados.

Mas como poderão ser obtidos esses prémios? Suporte por mais oito dias a sua curiosidade. No nosso próximo número anunciaremos finalmente a maneira deste grande e sensacional sortido de

"VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



Schild, «posando» pelo «Vida Mundial Ilustrada»

ESTÁ EM LISBOA O ARQUITECTO E DECORADOR CINEMATOGRAFICO RUSSO PIERRE SCHILD

POR detrás das lentes dos seus óculos brilha um olhar inteligente, firme, de pessoa que sabe o que quer e tem confiança em si próprio. Duma amabilidade invulgar, fala, sempre, com excepcional interesse de assuntos de cinema, aos quais dedica o melhor da sua actividade e inteligência.

Conversámos com Pierre Schild no hotel da Baixa, onde se encontra hospedado.

—Chegou de...?

—De Madrid, onde estive cinco anos, trabalhando em vários filmes. O último foi «Tierra Sedienta», com Rafael Gil!

—Trabalhou no filme «Inês de Castro», não é verdade?

—Sim. Fiz toda a decoração e «strucages».

—Onde trabalhava em Madrid?

—Na «Ularque Filmes», onde estive durante três anos. Trabalhei com Benito Perojo em «Marianela» «Sombra de Damasco» e muitos outros filmes. E agora cá estou em Portugal, de que tanto gosto, a trabalhar no «Trinca-Fortes». Cheguel esta semana!

Quisemos saber quais os projectos futuros do brilhante decorador.

—De Lisboa sigo para Madrid, onde trabalharei nas filmagens de «Revista Vieneses».

E, amavelmente, explica-nos:

—O argumento do filme será a própria viagem da Companhia Vieneses, da Austria até à Espanha, a sua vida, os seus quadros... Kaps, será o director.

—Depois?

—Depois, chamem-me a Paris! A data depende, porém, do início do filme de Kaps.

Arriscamos uma pergunta:

—Que pensa do cinema espanhol?

—Acho que tem bons realizadores... como Rafael Gil e Suenzo de Heredia, o realizador de «Eschmalzo», e que fez «Bambus» e muito bem... Artistas, também há...

E, a propósito, falamos de Ana Maria Campoy, que nos diz interpretar muito bem o seu papel em «Tierra Sedienta», apresentada, há um mês, em público.

—Como começou a trabalhar em cinema?

—Eu lhe digo... Tenho o curso de arquitectura da Academia de Belas Artes de Paris e resolvi dedicar-me, apenas, à decoração cinematográfica. O primeiro produtor com quem trabalhei em cinema foi com o português D'Aguiar, em Paris.

E os olhos de Schild brilham mais, por detrás das lentes dos óculos, ao contar-nos:

—É a melhor pessoa que tenho conhecido até hoje! Sabedor, conhecedor de cinema, é um produtor que ajuda os directores! Trabalhei com ele em muitos filmes de Fernandel e outros. Com D'Aguiar não é preciso fazer contratos. O que ele combina, cumpre—nem que a terra se voltasse ao contrário!

E com êste elogio a um produtor português, terminou a nossa conversa com Schild, um arquitecto que o cinema conquistou e a quem já deve muitos e notáveis trabalhos.

QUENTES E BOAS

FOR MANUEL MARTINHO

A CREDITO, piamente, na mentira das mulheres. Elas mentem, porquê? Absolutamente p' o direito da conquista.

Disseram, quando a mulher veio ao mundo e abriu os olhos: a ti pertence um homem!

Foi a primeira carta de raciocínio a ser distribuída.

Toda a luta, por consequência, se resume, no sexo fraco, na batalha do Amor. As ofensivas são amorosas — e, entre o namorado e o altar ergue-se, na crucial batalha esse desejo armistício que é o casamento. Ela a razão porque acho justíssima a emancipação da mulher. A conquista da sua personalidade — o direito a viver e a ganhar o pão de cada dia com o quinhão do esforço. A mulher, um dia, ao noitar-se na vida, deixa oscilar a bandeira do coração. Ela que marque o Norte. Numa esquina, num baile, na janela de frente ou na plateia do cinema encontra, sorridente, a imagem que lhe faz dar reinvoltas ao generoso coração.

Sim — o amor é uma reinvoltas, uma cambalhota acrobática se assim quiserem. A chama do paixão aquece os sentimentos. Não há nada na vida superior, aquilo olhar, aquela boca, àquela trejeito, às falinhas manhas e ternas do «mais que tudo». No dia do juramento de bandeira — isto é, no dia de pedido de casamento — a família redime-se. Vem o papá, com ar solene, bochechas moles, inchadas de superioridade, os olhos abertos em riso, dizer, diante dos convidados, «que tinha mais ou menos a honra de entregar a sua filha ao festejado mancoço, aspirante de finanças e aspirante à mão da querida Juliinha — filha estremeçada, duas vezes repetente do sétimo ano e esperanças contrato de coral da Igreja. Há como nestas ocasiões, ridículas e solenes os apertados abraços, quentes e do conhaque. Passados oito dias, a um sábado, que é dia mais chique — e semana inglesa, sobretudo — depois de uma — a Juliinha, de véu, cara de enterro, quasi desmaiada do festivo e nervoso, pisando a cauda, desce, pelo braço do padrinho, o sr. Carlos, sobressaca imponente, de respeitáveis joanetas no polimento apertado, da linda carruagem, gulsinhando, no alvarco do bairro, a porta da Igreja. O mulherio acotovela-se — o rapazzo espooja-se, de pinotes e alegria.

Três fotografos contratados mandam, com ar circunspecto parar o cortejo — e põem-se, como danados, a tirar fotografias, isto ainda serve mais para aumentar a pasmarreira.

Dois varinas, na rua, espécadas, de canastras à cabeça, riem-se, de alto, do chapéu extravagante dum senhorita, gorducha, com três penas de pavão espetadas num horrendo cone com abas...

Lá de dentro uma fila de gente, à espera do cortejo, de olhos esbugalhados, gozava, com bilhete de vépera.

Os anjinhos, tão lindos, de asas brancas, abriam a boca admirados e estarecidos, talvez desejosos de chegar a casa para brincarem ao «jara».

O noivo, imponente, de luvas clari-nhas, aguarda, como um felizardo, que a boa Juliinha, através do tapete esburacado e entrelaçado, diante do altar, a mão na dote. Um rancho de poltres, de uniformes da ordem — o mais rito possível — vão-se acomodando, à porta da Igreja, à espera das esmolas. Há, no sussurro da gente que passa — e na que espera — uma foadada festiva de arraial com novilhada ou matança de porco. Um cavalheiro, bem posto, grita com uma pasta atulhada de postais, com vistas de Lisboa. E umas raprigitas espetam nas lapelas fitinhas com santos — e esperam de mãos erudidas, as moedas que paguem aquela santíssima devoção.

Há mesmo, na bérna do passeio, um rapazote que me chamou, abriu a loja — um fogareiro no carrinho e, com o ar cheio de fumarada, gritou: — «a boa castanha quentes e boas!».

E é nesta apoteose de cor e movimento que a Juliinha, feliz, graciosa, volta do altar, de aliança, com o marido agarrado ao braço como a fátexa da Felicidade.

Lá fora, novamente, o rapazote, volta aa apregoar: — «quentes e boas! quentes e boas!».



O Chefe do Estado é cumprimentado, no dia do seu aniversário natalício, pelos membros do Governo

REGRESSO À PÁTRIA

A bordo do «Laurenço Marques» regressaram, há dias, a Lisboa, os srs. eng.º Azevedo Moura e Vicente António Martins, dois portugueses que viveram, em Timor, as horas negras da ocupação japonesa.

Aguardados no cais por muitas pessoas de sua família e amizade, tiveram uma carinhosa recepção, que muito gozo deve ter sido aos seus corações de bons portugueses.



O sr. Vicente António Martins, ao desembarcar.



No cais, à chegada do «Laurenço Marques»



O sr. eng.º Azevedo Moura, ao pôr pé em terra portuguesa, tem um sorriso difícil de dechifir. Parecer-lhe-á um sonho?

COMEMORAÇÕES QUEIROZEANAS



O sr. dr. Rodrigues Cavaleiro falando no Grémio Literário, na inauguração da Exposição Queirozeana.



Uma cena de «Os Moços» no Teatro Nacional, entre Amélia Rey Colaço e Raúl de Carvalho.



Aspecto da assistência à estreia de «Os Moços», no Teatro Nacional



Um aspecto da exposição de Anne Marie Jauss, no S. N. I., que obteve um invulgar êxito artístico.

O ARQUITECTO MÁRIO DE OLIVEIRA EXPÕE EM ESPANHA



Mário de Oliveira, um dos mais jovens arquitectos portugueses, que vem afirmando o seu valor, encontra-se há algum tempo em Espanha, em missão de estudo. Espírito aberto à curiosidade, tem corrido a maior parte do país visitando numa jornada de proveitoso estudo, e agora, recentemente, na Universidade Literária de Oviedo, expôs, com extraordinário êxito, trabalhos seus, em desenhos, oleos e aguarelas.

Toda a imprensa espanhola se referiu, entusiasmada, à exposição do architecto Mário de Oliveira, que proveu ser um artista de rara sensibilidade.

Muitos desenhos foram logo adquiridos — e inúmeras pessoas interessadas desfilaram pelo salão, não escondendo a viva simpatia que os trabalhos do nosso compatriota revelavam.

Este êxito do architecto Mário de Oliveira — um artista que prestigia o nome do nosso país — devemos nós aqui assinalar.

Trata-se, na verdade, dum valor. E é sempre motivo de orgulho saber boas notícias de artistas nacionais — quando elas chegam, como esta, através da imprensa estrangeira.



A «Plaza del Fontana», em Oviedo, um dos quadros de Mário de Oliveira, que foi adquirido pelo alcáide daquela cidade.

Outro quadro que esteve exposto no salão da Universidade de Oviedo e que muito interessou o público.



Num restaurante típico, realizou-se um almoço de despedida à artista Maria Carmen, que partiu para o Madeiro, onde foi trabalhar numa nova casa de espectáculos. Assistiram os empresários Rosa Mateus e Laurence Rodrigues, muitos artistas, jornalistas e editores da simpático artista.

História da Guerra BRINDES AOS CLIENTES

TRÊS LIVROS

(Continuação da página 6)

cada vez mais sensíveis e visitados, exercendo-se, não apenas em relação a instalações, aniquiladas e cidades arrasadas, mas em transferências de populações e de fábricas e oficinas, as quais davam origem a um movimento incessante que fazia contraste com a tranqüillidade relativa com que na Grã-Bretanha, e sobretudo nos Estados-Unidos, funcionavam as fábricas de material aeronáutico nessa fase da luta.

Os dirigentes do Reich procuraram transferir as suas indústrias de guerra, e principalmente a sua indústria aeronáutica, para locais inacessíveis aos ataques violentos dos bombardeiros anglo-americanos. Esta tática, que de começo deu alguns resultados apreciáveis, no final revelou-se completamente ineficaz, pois a partir do fim de 1943 (depois da invasão da Itália), e sobretudo a partir de 1944 (com o desembarque aliado no ocidente e mesmo antes d'ello), todo o território do continente se encontrava praticamente sob a acção da aviação anglo-americana, cuja superioridade, no final, se tornou esmagadora quando se comparava o seu poderio com o da Luftwaffe.

(Continua)

Ana Maria Campoy

(Continuação da página 3)

Maria no novo filme de Artur Duarte, «E perigo debruça-se».

Já à porta, Maria Campoy grita-nos:

— «Salude!» para Lisboa:

Ana Maria Campoy que, em Barcelona, deu esta entrevista a «Vida Mundial Ilustrada», chegou, há dias, a Lisboa, onde vem interpretar o principal papel do filme português «Cais do Sodré». A artista espanhola era aguardada na estação do Rossio por vários artistas portugueses, entre os quais Barreto Poeta, que lhe fez uma carinhosa recepção.

(Continuação da página 2)

de mantelga e um quilo de açúcar como brinde aos Ex.ªs fregueses.

Evidentemente que a Idéia nada tem de original.

Uma perfumaria da Baixa, a quem comprar uma dúzia de sabonetes costuma ofertar 125 gramas de sabão.

E uma casa de telefonias vende módicos aparelhos a 3.500\$000 — e dá um galheteiro de azeite envolvido em celofane.

Pois bem. Vem aí a época festiva em que as casas comerciais importantes, sempre prodigamente, oferecem aos clientes horríveis calendários e agendas baratinhas, como recompensas ajudaram a meter nos nutridos cofres.

Este ano, foram graves senhores. Fizeram com os calendários e ofereceram, por exemplo, lascas de bacalhau, galheteiros de azeite, fruta cristalizada ou pacotinhos de mantelga.

Evidentemente que me dirão: — Como quer este tipo que se dá isto e aquilo — se o raciocínio não permite? Ora, tretas. O dinheiro chega a todo o lado.

Houve um sujeito que quis pedir ao Governo autorização para plantar a cana sacarina (em estufado) para não lhe faltar em casa a preciosa guloseima!

MANUEL MARTINHO



Rogério Pérez Olegário Mariano G. de Ayalá Monteiro

«MEIO SÉCULO A VER TOIROS»

Rogério Pérez, jornalista brilhante que muito se tem dedicado à crítica e defesa da Ferra Brava, publicou «Meio Século a ver Toiros», em que historia os principais acontecimentos e aponta as figuras mais em evidência do toureio nos últimos cinqüenta anos. Trata-se dumha obra que a todos interessa, pelo estilo tão pessoal e desacombrado que Rogério Pérez — perdeu, «El Terrible Pérez...» — imprime a todos os trabalhos.

A VIDA QUE JÁ VIVI

Olegário Mariano, Príncipe dos poetas brasileiros do seu tempo, que há pouco nos visitou como membro da Comissão para o Acórdio Ortográfico, viu agora reeditada, num elegante volume da «Portugália Editora», as suas melhores poesias líricas.

Trata-se dum livro cujo valor é desnecessário encarecer. O nome de Olegário Mariano é, por si, o melhor réclamo que pode ter um livro de poesias...

OBJECTIVOS DE PAZ NA POLÓNIA

O advogado e escritor Dr. Guilherme de Ayalá Monteiro, traduziu para a nossa língua a obra de Adam Progier, para a qual escreveu, também, um notável prefácio.

Pelo valor da obra e excelência do tradutor e prefacelador, o livro «Objectivos de Paz da Polónia» toma fôros de sensacional, principalmente para os estudiosos dos problemas internacionais do momento.



LIVRARIA ECLECTICA
LIVROS NOVOS E USADOS
Compra grandes e pequenas bibliotecas
Calçada do Combro, 58 - LISBOA



Um aspecto da passagem de modelos no Avenida Palace perante uma numerosa e elegante assistência feminina

CONSTITUIU um grande acontecimento de arte e elegância a passagem de modelos da Casa Sousa, realizada no Avenida Palace na tarde de 7 de Novembro. Nessa esplêndida exhibição foram apresentados modelos — verdadeiramente a última palavra da Moda — adquiridos pessoalmente em Paris, pelo chefe dessa importante casa do Chileo, nos grandes costureiros franceses Paquin, M. Ruff e Lucille Mangin, cujas criações se tornaram famosas nas mais exigentes capitais da moda da Europa. Assistiram à passagem de modelos no Avenida Palace mais de 700 senhoras — uma assistência «récorde» — podendo dizer-se com verdade que tudo quanto entre o mundo feminino de Lisboa existe de mais elegante e de mais distinto. Todas as mesas estavam guardadas por ramos de lindas orquídeas, que foram depois oferecidas a todas as assistentes, gesto gentil da Casa Sousa, que entretenceu, pela sua encantadora intenção, todas as senhoras presentes.

NO MUNDO DA MODA UMA PASSAGEM DE MODELOS DE PARIS



Outro modelo bem significativo do requintado gosto que predominou na execução das confecções apresentadas

AS
NOVAS
Modas
DE
PARIS



Outro modelo de Marcelle Alix. Linhas
«bribs, mas indiscutível elegância!

Vejam este original conjunto de tarde,
de Worth: — «Carrefours». Vestido em
lã escossa, amarelo e preto. «Pelotot»
em lã preta, com mangas escossas.
Botões com fechos em couro.



Os grandes costureiros da cidade-luz recomeceram, activamente, o seu trabalho, que a guerra interrompeu.

Lançaram-se à conquista de novos temas, de novos modelos, e a sua exuberante e tradicional fantasia não os abandonou.

Assim, Paris volta a deslumbrar o mundo com o seu grito da moda — grito que costuma fazer-se ouvir no mundo inteiro.

As elegantes de todo o mundo põem, de novo, os olhos em Paris. O mundo elegante responde à chamada dos costureiros da França!



«Longuera», de Jacques Griffe. Vestido interior em ciclame bordado.



«Adresses», lindíssimo «tailleur» para o caço, de Jacques Griffe, grande criador da moda parisiense.



Este vestido de noite é de Marcelle Alix. Lindo, não é?

AMÁLIA RODRIGUES

(Continuação da página 21)

os artistas portugueses, vencido pelos olhos e pela voz da cantora. «A Rosa Cantadeira» obteve um êxito fantástico. Significou dois meses de lotações esgotadas. E as notícias concretas que temos de Amália terminam aí. Sabese que Amadeu do Vale pensava montar «A fonte dos Amores», e que Amália desejava regressar a Portugal em Dezembro próximo, juntamente com Beatriz Costa.

Mas Rádio Globo voltou a acenar-lhe com um contrato, materialmente superior ao acordo transacto, e de duração fixada em dez meses, qual um ano. Amália ainda não deu resposta. Ela sabe que, do lado de cá do Atlântico, Lisboa espera-a com ansiedade crescente, num movimento unânime de saúde que diz alguma coisa sobre o valor e a simpatia da intérprete máxima do fado. Mas sabe, também, que no Brasil tem já uma posição a defender, um prestígio a solidificar, uma fortuna a ganhar... E compreensível a hesitação. Materialistas como sempre, não optamos pelo Brasil. O dinheiro é tão bonito, tão bonito o maganão...

ARMINDO BLANCO.

O VELHO PORTO
Neoport
sabe... a quem sabe

Programas de Rádio

(Continuação da página 19)

É a senhora acertou em cheio:

— É uma estúpida!

— Pois será esse mesmo o seu prêmio por ter acertado? — respondeu-lhe o organizador do programa. E a senhora Marie Macdonald lá teve de levar para casa uma estúpida em tamanho natural, que passou a decorar o luxuoso «hall» da sua elegante residência! Quando se trata de brincar, não há como os americanos!...

Uma fábrica de «estrelas»

(Continuação da página 23)

prova material do esforço físico; por que o seu rosto, continua iluminado por uns olhos vivos e uma boca sempre aberta num sorriso claro...

Pilarin Cerezo e Rocío de Roy são as duas artistas jovens que este ano visitaram Portugal. Não seria justo que tendo ido à sua procura ao precisamente onde se «fabricaram», não as interrogássemos para os leitores portugueses. Mas todos os truques falham. Só dizem bem de tudo e de todos.

— «Portugal é um jardim!»
— «É público português, salado-simo!»

— «Lisboa é um encanto!»
— «Estoy desesando volver!»

Ela as frases que pude conseguir perceber, quando as duas grandes artistas descobriram que eu não era um simples senhor que viene a conhecer espontaneamente destas palavras está encerrado o melhor elogio que áfrica de Portugal pudesse sair dos seus lábios frescos, da sua juventude triunfante, da sua arte já consagrada.

No coração de Madrid há uma fábrica de «estrelas». O guarda-mordeste firmemente chama-se Roy. O seu castro mais luminoso chama-se Rocío, que em castelhano vale tanto como ovalbo, ovalbo de juventude, de arte, de simpatia... No coração de Madrid, um homem trabalha quinze horas cada dia preparando as bailarinas que mais tarde nós admiraremos...

Madrid, Novembro de 1945.

APRENDA RÁDIO
POR CORRESPONDENCIA. PICA FALINETS GRATIS

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO
A. DO. MANUEL LAGANJEIRA, 12 - PORTO

Teodho

APRESENTA A
MAIS RICA
COLEÇÃO DE
PELES E CON-
FEÇÕES NOS
SEUS ESTABE-
LECIMENTOS
DAS

RUA DO CARMO, 29-31
RUA DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X. 20784
LISBOA

AS SUAS VIDAS, A SUA CASA, O SEU AUTOMÓVEL ESTÃO SEGUROS NA

COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
R. GARNETT, 50 LISBOA

UMA GOTTA DE «HERPETOL»
é o «desejo de coçar» passado. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa.

«HERPETOL»
é um medicamento sérico e certo para todos os casos de ECZEMA (domido ou seco), crostas, feridas, arupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE NUNCA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11500

¡Nervosos! ¡Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produziram um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo.

Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornam-se-lhe mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

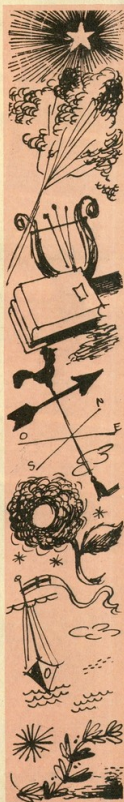
Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero
À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero
SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUENTE E NUTRITIVO

CALÇADA
DA
GLÓRIA

SE NÃO FOSSE QUEM É QUEM DESEJARIA SER

RESPONDEM ALGUNS HOMENS CONHECIDOS



Aquilino Ribeiro, espécie de embaixador da Beira no Cbizado alfacinha, responde à minha pergunta, esquivando-se a ela:

— Não, meu amigo, eu não queria ser nenhum desses homens célebres de que reza a história. Em regra, não foram felizes. Os homens verdadeiramente felizes não entram na história. Contento-me em ser o que sou.

— E temos de reconhecer que já não é poncol — respondi-lhe, por minha vez.

Agora é Rocha Martins que eu interrogo. Risonho, exuberante, sabendo tudo, conhecendo toda a gente, Rocha Martins, ele que conhece a história desde Adão e Eva até ao último discurso do sr. Churchill, satisfaz a minha curiosidade:

— Não me convinha ser nenhum desses vultos que assombraram a história. Para quê? De resto, a verdadeira imortalidade só existe enquanto se vive!

Carlos Amaro, poeta mesmo quando escreve, sonhador mesmo quando está acordado, que fez da literatura a sua boémia e da boémia a sua literatura, não hesita na resposta:

— Quería ser D. Quixote! E depois dum silêncio: — Tal e qual como ele foi — rigorosamente. Sem tirar, nem pôr...

Simões Raposo, republicano de nascença, carácter de cristal e barbas de patriarca, medita antes de me responder. Depois, abre-se numa expressão concisa:

— Quería ser Gomes Freire de Andrada! O homem que morre pela Liberdade...

Na minha frente está agora Luis Galbarido, filho. Descendente dum famoso homem de teatro, é próprio homem de teatro, com uma respeitável e ao mesmo tempo estuante bagagem de peças, faz-me a sua confidência:

— Se eu pudesse deixar de ser aquilo que sou, queria ser general reformado, mas um desses generais tranquilos e ignorados, que nunca, na sua vida, fizeram mal a ninguém — e nunca encontraram um inimigo!

César de Frias, romancista das «Grandes Nupcias», escritor do melhor quilate, pede alguns instantes para dar balanço à sua imaginação, e depois diz-me:

— Quería ser Bernard Shaw! Pela sua ironia, pela sua crítica, tão necessária ao momento que passa...

— Óptimo! — retorqui-lhe. — Apenas com uma, ou melhor, com duas alterações: queria ser um Bernard Shaw com menos idade — e sem barbas...

O caricaturista Manuel Santana, cuja lápis esfuzia talento, quando lhe pergunto que homem célebre desejaria ser, assevera-me:

— Miguel Ângelo
E logo emenda:
— Perdão... Manuel Santana!

Ivo Cruz e Rui Coelho conversavam em pleno Cbizado, na maior

harmonia — como dois músicos excelentes que são. Desfecho-lhe a pergunta. Pelo inesperado, há um instante de perplexidade em ambos. Depois respondem-me, primeiro Ivo Cruz:

— Não queria ser nenhum homem célebre. O que queria era ser ainda menos do que aquilo que sou!

A seguir Rui Coelho:
— Pois eu queria ser, ao menos durante um ano, o director do teatro de S. Carlos!

Vasco de Mendonça Alves — o dramaturgo das «Conspiradoras» e de muitas outras obras que o público tantas vezes tem aplaudido — sorri à minha pergunta:

— Que unito da História é que eu desejaria ser? Nenhum, meu amigo. Não há nada, creia, que valha as delícias do anónimo. Não «ser falado» — eis o ideal!

O pintor Abel Manta, grande da Arte, hesita na resposta:

— Quem eu queria ser senão fosse eu? Em sei lá. Nunca pensei nisso... Júlio César, Calígula, Napoleão, Churchill... Palavra que não sei...

E não foi possível arrancar-lhe uma resposta, a resposta definitiva que este inquirido exigia, ou, melhor, que a História exigia.

Cardoso Marta, poeta, etnógrafo, humorista, alma boémia e esportista num corpo de abade de Alco-buça, não hesita num momento:

— Quem eu queria ser, meu amigo, era Confúcio. Dirá que é uma chinêsita, mas para a eterna «confusão» a sua filosofia é admirável.



LA BAMBA

UMA VELHA DANÇA MEXICANA VOLTA AGORA A ESTAR EM MODA!

A epidemia começou no México, numa cidade chamada Vera Cruz, e alastra agora, assustadoramente, por todo o continente americano. Os camponeses dançaram-na durante muitos séculos nos dias de festa, mas agora ei-la que surge estilizada, nos luxuosos «cabarets» da cidade do México. O ritmo de «La bamba» é como o dum rumba lenta, acompanhado por movimentos de anca e de ombros.

Aqui vemos os actuais «reis» de «La Bamba» — Raquel Echeverria e Júlio Angeles — fazendo uma pequena demonstração para os leitores de «Vida Mundial Ilustrada».



Esquisito passo, não é? Pois é assim mesmo! Estes são Raquel Echeverria e Júlio Angeles, campeões indiscutíveis!



Esté outro passo também não prima pela elegância...



Mas este já é mais gracioso!



Aqui afastam-se, para logo se aproximarem!

Gente de todas as idades e pões dança «La Bamba», a nova epidemia!



A leitora gosta d'este passo?



E d'este?



Um baile em Vera Cruz, onde «La Bamba» é protó obrigatório...



Mas a verdade é que «La Bambas», quando nasceu em Vera Cruz, era muito diferente do que se dança hoje, na cidade do México, e, daqui a pouco, em todo o mundo!



3) Este concorrente recebeu como prêmio uma dúzia de macacos!...
5) ...mas, ao chegar a casa, a mulher ficou furiosa e garantiu que vai pedir o divórcio! Que grande «macacos»!

NA AMÉRICA, É CLARO ... PROGRAMAS DE RADIO EM QUE INTERVEÊM MACACOS, SENHORAS GORDAS E ESTÁTUAS VIVAS!

EVIDENTEMENTE que estas coisas só são possíveis na América, onde há pessoas para as realizar e público para com elas se divertir... Se fosse cá, meter-se-la de pernilo o sr. Parece-Mal, e era uma vez um programa desgraçado... Mas na América, os «programas loucos» estão em moda. Programas com perguntas e respostas, cujos prêmios fazem as delícias dos americanos, crianças grandes que gostam de se divertir e já não sabem que mais há-de inventar para tal... Por isso as emissões onde o disparate e a originalidade andam de mãos dadas, para recato do público, estão a fazer furor.

Elis alguns dos prêmios concedidos: Uma árvore de Natal com a vaca; um cento de melões; uma cadeira de barbeiro; um casal de macacos e uma dúzia de aquários com peixinhos. Os concorrentes que conseguirem acertar com as perguntas do locutor, ficarão habilitados aos prêmios acima descritos. Um dos mais originais foi, há dias, ganhar por uma senhora, Marie MacDonald, que respondeu acertadamente a seguinte pergunta:

—Qual é coisa qual é ela que, quer chova ou faça sol, nunca muda as suas roupas? (Continua na página 16)



1) A um senhor que acertou numa das respostas, foi conferido o prêmio de ir passar uma noite a um «cabaret» com doze gentis raparigas entre os 49 e os 61 anos! 2) Mas a esposa do premiado resolveu acompanhá-lo, e ambos passaram uma noite em cheio!



Aqui temos a senhora Marie Mac Donald encantada por receber de prêmio uma estátua. Um «amor de estátuas», não é?... Até dá gosto passear com ela pelas ruas!...

NOTÍCIAS DA AMÁLIA!

AVEDETA DO FADO
QUE TRIUNFOU
NO BRASIL!

Reporem na linda saia deste vestido que a Amália
exibe no Rio de Janeiro

Uma foto pitoresca tirada no Rio.
A baía, lá no fundo, é cenário por
demais grandioso e imponente para
reparar tão simples e despretensiva
como Amália Rodrigues.



Um instantâneo tirado em Copacabana, no Casino,
num intervalo do espetáculo. Ao lado de Amália
está a cançonista brasileira Lídia Monteiro.



Numa festa oferecida pelo presidente Getúlio
Vargas, Amália foi convidada e apresentou os circun-
stantes com alguns dos seus melhores fados. Um
fotógrafo colheu este «posse» absolutamente involun-
tária, que Amália oferece aos leitores de «Vida Mundi-
Ilustrada».



Amália Rodrigues num quadro de conjunto representado no Casino de Copacabana, com a famosa bailarina russa Tãmara Gregoriev. O acompanhamento musical foi feito pela Orquestra Portuguesa de Guitarras, dirigida pelo artista Fernando Freitas.



Amália, com a Orquestra Portuguesa de Guitarras, num dos seus mais características atitudes.

Brasil continua a ser um Eldorado maravilhoso para os portugueses, especialmente para os nossos artistas. O melo, aqui, é tão acanhado e pouco compensador, que qualquer artista razoavelmente ambicioso não descansa enquanto não vai experimentar a sua sorte nas terras longínquas da pátria de Bilac. Lá, sim, tudo é grande, maravilhoso, atraente, pelo menos em teoria. O Brasil é um país fabuloso onde a fortuna espreita a cada esquina, pronta render-se ao primeiro viandante que passa. Não interessa que seus tentos fôlham rotundamente, e pontos de haverem ressado ruidos pela saúde e mais pobres do que quando partiam. O que interessa é atravessar o Atlântico e respirar o ar salgado do Rio, que lá, no supé verdeante do morro famoso, o ruído é brincadeira de criança para os que têm fé em si próprios.

E, um a um, os melhores artistas portugueses, cômicos de teatro e suplantaram já o próprio melo, têm partido para o Brasil em debandar migratório que é como que uma sanaria permanente nas escassas fileiras de valores do teatro português. Até Beatriz Costa, a nossa inseqüível Beatriz que ninguém mais substituir, nos trocou um dia pelas plásticas cariocas, e agora, na eminência do seu regresso, que põe em alvorôço a todos, que nós apesamos bem o que ela representa para o nosso teatro ligeiro, ela que era a sua alma, a sua alegria, a máxima expressão da sua garrulice popular... Mas, finalmente, Beatriz volta para nós. Julgo que saberemos prendê-la de uma vez para sempre, que isso de viver da saúde é excessivamente colorido para a nossa sensibilidade de latinos.

E Amália? Amália, aquela rapariga nervosa como um vime que não nasceu para o fado porque foi o fado que nasceu para ela, também nos deixou atraída por um contrato principesco com que Rádio Globo lhe acenou do Rio. Foi e triunfou. A breve brecha, Amália era um ídolo do Brasil, tal como o tinha sido já de Portugal.

A suavidade da sua voz doce e maleável, e a elevação poética dos seus fados sem mortes violentas, sem paixões inconfessáveis, sem misérias sórdidas, sem mães desnaturadas ou filhos malfieiros, conquistaram irresistivelmente os radiófilos brasileiros, um triunfo tão mais valioso quanto é certo que os ouvintes de lá estão habituados a escutarem e a apreciarem os maiores valores da rádio mundial.

Eles acharam que Amália era diferente. Estranha e inexplicavelmente diferente. Porque, inclusivamente, nunca os brasileiros tinham visto uma intérprete do fado assim tão bonita, elegante e apetível. Houve quem erguesse lírios vibrantes aos seus olhos negros e sonhadores, a esses seus líbios rubros como as papoilas e lindos como se houvessem saído da paleta mágica de um pintor enamorado, a essa melancolia suave que se expande comunicativamente dão seu rosto de linhas irregulares, amáveis e perturbantes.

E Amália viveu momentos de insuperável enfora artística, da que já conhecia o sabor maravilhoso das palmas estontantes, da que já se habituara a dominar multidões com aquela facilidade própria dos ídolos que souberam construir insensivelmente o pedestal da sua própria glória.

Ma Rádio não bastava para areolar o triunfo clamoroso da alma do fado. Por isso os brasileiros e puderam aplaudir e com que calor o fizeram) no teatro João Caetano, ao lado de Beatriz Costa e de Oscarito, os dois monopolizadores do favoritismo carioca. Depois, Amália voltou a Portugal. Mas foi por um pouco tempo. Mal nos restaram oportunidades para a abraçar, para lhe escutar gulosamente meia dúzia de escassas e apressadas confidências, para mais uma vez vibrar com a sua voz confundível que deu ao fado uma eurtímia nova, plena de desconhecidas nuances.

Prometeu escrever. E, claro, não cumpriu a promessa. Um di telegrama a noticiar a chegada:

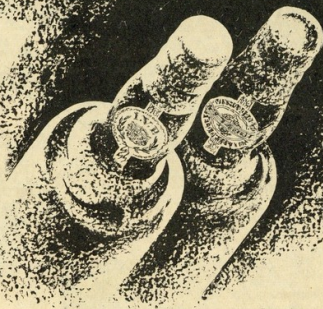
«Cá estou outra vez Brasil. Alinda estou mesmo sítio. Depois escrevo».

Até hoje, é certo que Amália nos enviou fotografias e uns recortes de vários periódicos cariocas com referências à sua situação na revista «Boa Nova», mas isso não bastou para que pudessemos fazer uma idéia segura a respeito da sua nova temporada no Brasil. E até nós foram chegando notícias ora desencantantes, ora entusiasmáticas, mas todas inconcuentes ou hesitantes. Fede afirmar-se, contudo, por notícias que recebemos, que a «Boa Nova» não agradou. A revista constituía uma «charge» excessivamente cortante à vida carioca, e o público mudou com semelhante falta de cortesia. Amadeu do Vale deve ter sentido o péso angustioso do fracasso. Mas Amália estava lá para os salvar de apuros. E na «Rosa Cantadeira», a peça que em seguida foi levada à cena, o público reconciliou-se com





VINHO do PÔRTO



POMPEIA



pó de arroz

O Pó de Arroz «POMPEIA», finíssimo, impalpável, etéreo, de subtil aroma, dir-se-ia o fluido das matas formosa flores, nimbando o seu rosto pálido, numa misteriosa metamorfose, o tornar mais lindo e mais belo, encantador, como as próprias flores.

Logo, como atributo de beleza, o Pó de Arroz «POMPEIA» é absolutamente indispensável a todas as senhoras.

O Pó de Arroz «POMPEIA», tendo a particularidade de se conservar no resto todo o dia, resistindo impunemente a todas as intempéries, dar-lhe-á uma «patine» de beleza, confundindo-se com os seus dons naturais e realçando-os sobremaneira.

LT. PIVER

PASTA MEDICINAL COUTO

TRATA
gengivas doencadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11800
Medicinal grande — tubo 17850
Vulgar pequena — tubo 4800
Vulgar grande — tubo 7800

Tiká

MATA

**PERCEVEJOS
BARATAS
PULGAS
TRACA**

Á VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena 3500
Caixa grande 8500

Dep.º: COUTO, L. 4.ª — Porto
L. S. Domingos, 108



PASSA TEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques Sá da Bandeira, 108, 3.ª — LISBOA

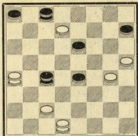
DAMAS

Secção espanhola
Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMATISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 78

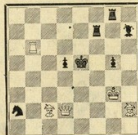
«La Palmas», 14/8/945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Lusitano Vs»



Jogam as brancas e ganham

XADREZ

PROBLEMA N.º 21
(Por J. Opdenoordt (1.º prémio))



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 20

1. C—e2; e4—e3; 2. D—h3+; ...B—e3; 2. Ce xg3; B—d2; 2. D—f2+.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 47 (Concurso)

Por Rocanoll

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Mealheiro; resíduos de farinha. 2 — Pinheiro; com asas. 3 — Rudeza; rancor. 4 — Unen; prenda. 5 — Nota musical; vinho medicinal; consoante e vogal. 6 — Taralhão. 7 — Gracelzar; parentes; tua (antigo, inv.). 8 — Partir em toros (inv.); substância amílica dos salgueiros. 9 — Embarcação; conferência. 10 — Punhal; fruto. 11 — Habitar; local de bebidas.

VERTICAIS: 1 — Trabalhador do campo; segulham. 2 — Morte; ursos. 3 — Poltrona (ant.); cultuar. 4 — Recear; molhadeira. 5 — Embudadura; nascido; aspecto. 6 — Auxillar (subs). 7 — Batráquio; órgão visual; chefe etíope. 8 — Argolas; queimam. 9 — Esperto; jantar rico (inv.). 10 — Detestado; ora. 11 — Sádio; tapar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 46

HORIZONTAIS: 1 — Bem; ralador. 2 — Atam; sánada. 3 — Ditos; gatos. 4 — Amarelecer. 5 — Lora; os. 6 — Oz; lavor; lo. 7 — Pi; elas. 8 — Federativa. 9 — Moral; laxar. 10 — Amadas; soda. 11 — Reletras; som.

VERTICAIS: 1 — Badalos; mar. 2 — Etlimos; fome. 3 — Matar; peral. 4 — Moralidade. 5 — Se; elar. 6 — As; lavar; sa. 7 — Lage; al. 8 — Anacoretas. 9 — Dates; llixos. 10 — Odo; lavado. 11 — Ras; gozaram.

SOLUCIONISTAS DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS

D. Herminia Polgoas, João Polgoas Ruas, José Luís da Cruz, José Luís da Costa, Eurico Machado, Jacinto B. Marques (todos de Lisboa); Rogério de Almeida (Amadora); Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu); João Gouveia (Lisboa); Tripeiro (Porto); e Seven (Aveiro).

HIEROGLIFOS

COMPRIMIDOS
Por Rogério de Almeida (Amadora)

NETO

PEIXE DE AVEIRO

RUIM ZERO

A I

NOCIVA TEJO

N E

π π TO

Dicionário usado: Torrinha. No nosso n.º 234, de 8/11/45, no n.º 2 das breves explicações sobre hieróglifos não saiu completo o sinal equivalente a Π, e que é o seguinte: π.

SOLUÇÃO DOS HIEROGLIFOS PUBLICADOS EM 15/11/945

- Café Nicola.
Viva Salazar!
Felicidade.
Emeralda.
Viagem.
SOLUÇÃO DAS CHARADAS PUBLICADAS EM 29/11/945
1) Comato. 2) Cômoro. 3) Cordura. 4) Mariatva. 5) Mimoso. 6) Locomotiva.

QUADROS MÁGICOS

1-3-5-7-9-11-13-15-17-19-21-23-25-27-29-31-33-35-37-39-41-43-45-47-49-51-53-55-57-59-61-63-65-67-69-71-73-75-77-79-81-83-85-87-89-91-93-95-97-99.

b

4-5-6-7-12-13-14-15-20-21-22-23-28-29-30-31-36-37-38-39-44-45-46-47-52-53-54-55-60-61-62-63-68-69-70-71-76-77-78-84-85-86-87-92-93-94-95.

c

16-17-18-19-20-21-22-23-24-25-26-27-28-29-30-31-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-68-69-70-71-76-77-78-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95.

d

64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99.

e

2-3-6-7-10-11-14-15-16-18-20-22-23-26-27-30-31-34-35-38-39-42-43-46-47-50-51-54-55-58-59-62-63-66-67-70-71-74-75-78-79-82-83-86-87-90-91-94-95-98-99.

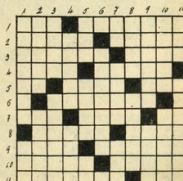
f

8-9-10-11-12-13-14-15-24-25-26-27-28-29-30-31-41-42-43-44-45-46-47-56-57-58-59-60-61-62-63-72-73-74-75-76-77-78-79-88-89-90-91-92-93-94-95.

g

32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-66-67-68-69.

EXPLICANDO A MAGIA!
Pede-se a uma pessoa que fixe um número que esteja num dos quadros, a, b, c, d, e, f ou g. De seguida pergunta-se-lhe em que quadro ou quadros está esse número.
Obtida a resposta, facilmente se sabe qual o número pensado, somando o primeiro número da esquerda de um desses quadros com o primeiro da esquerda de cada um dos outros onde o número fixado esteja também. A soma dar-nos-á o número desejado. Se nos disser que esse número está ad num dos quadros (a, b, etc.), automaticamente se sabe que esse mesmo número é o primeiro do lado esquerdo desse quadro.



AQUI TEM LINDA DARNELL NUMA ATITUDE «VAMPIRESCA» E PROVOCANTE. CAUTELA, RAPAZES! ESTES OLHOS QUEIMAM! E NAO SE ESQUECAM DE QUE O CORACAO DOS PORTUGUESES E MATERIA EXTREMAMENTE INFLAMAVEL!



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA EMENDA, 69 2.º - LISBOA - TELEFONE 25844
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27

